EXPEDIENTE.

— A Carta do Sr. N. J., de *Ourém*, cheia de justos louvores ao actual bispo de *Leiria*, pouco já accrescentaria de substancial ao nosso artigo 3284: excepta a censura aos tres parochos pelo modo porque hospedaram o seu prelado, mas de que achamos conveniente não fallar.

— A da Sr.ª Dona M. J. da S. C., postoque muito bem escripta como tudo quanto sae da sua penna, versa sobre objecto que nem já é novo nem chegou a ser de grande monta.

— A relação do Sr. *Tinelli* ácerca de amoreiras, bichos e seda não cabe por seu comprimento no presente numero.

— *Um portuguez velho* brevemente haverá resposta a respeito dos dias de jejum.

— Os artigos do Sr. P. B. sobre estradas e outros objectos de publico interesse, sairão logo que para elles haja campo.

— Com o artigo 3288 do numero precedente ficou (segundo nos parece) tão cabalmente vingada e lustrosa a fama do Sr. Parocho de Almeirim, que achamos superfluo e tedioso para os leitores ajunctar sobre isso novos documentos; razão porque respeitosamente pedimos ao Sr. *João Paulo da Motta Cerveira*, administrador do concelho de *Almeirim*, nos dispense de sacarmos á luz a sua longa, postoque aliás interessante, carta.

— Ao *Constante Leitor de Torres Vedras*, rogamos nos continue a instruir e recrear com a sua amenissima correspondencia; mas cujas verdades seria perigoso dar á estampa.

— O Sr. *F. M. L.*, com quem plenamente concordamos, dispensar-nos-ha de picarmos e fazermos esvasiar essa bexiga tumida, a quem allude.

— As excellentes lembranças do Sr. *A. R.* brevemente serão tomadas em consideração.

— O *filho de Adão* para a semana.

— Em outro numero daremos a carta da nossa interessante e e judiciosa correspondente, que se assigna (certamente sem razão) *Uma Obscura Portuense*: e quanto á primeira parte d'ella, que havemos de supprimir, aqui lhe respondemos, que somos inteiramente do seu parecer, e que sempre foi intenção nossa fazer ou antes deixar de fazer como ella diz.

— Consinta-nos o Sr. *Antonio Barreto Pereira de Aravjo Pimentel* conservarmo-nos, se não perpetuamente pelo menos mais algum tempo, nos quarteis de inverno onde tão bem nos vae: se alguma coisa nos podesse obrigar a sair já d'elles, seria a cortez repreensão de covardes, que S. S.ª nos dá por uns termos tão amigaveis que ainda lhe ficamos devedôres.

— Temos novamente uma pequena porção de semente de *couve do Algarve* para repartimos pelos nossos subscriptores, que ainda a desejarem.

CONHECIMENTOS UTEIS.

MEMORAVEL PROPOSTA PARA SE ABASTECER DE AGUAS A CAPITAL.

(Carta.)

3299 A falta de agua potavel, que hoje sentimos em Lisboa pela razão da grande diminuição, que tem tido a dos chafarizes das aguas livres, despertou-me a lembrança de escrever esta carta a V. para a publicar na *Revista* se d'isso a julgar digna; porque estas faltas de agua que se padecem ha tanto tempo durante o verão, como se vê pela leitura das Memorias de Estevam Cabral e do Dr. Domingos Vandelli, insertas no tomo 3.° das Memorias da Academia Real das Sciencias, e publicadas ha mais de vinte e nove annos, parece que promptamente esquecem com as primeiras chuvas do outono e ninguem mais se lembra de applicar-lhe os convenientes remedios, nem sequer de fazel-os conhecer; o fim pois, que me proponho, é mostrar aos habitantes d'esta côrte — que a Natureza lhes proporcionou abundantissimos nascentes de agua potavel de muito boa qualidade, e que as faltas d'ella procedem unicamente do desleixo que tem havido em aproveital-os.

Eu tive a satisfação de executar as ordens do Sr. D. Pedro, de saudosa memoria, fazendo completar as obras do castello das Aguas Livres sito ás Amoreiras, aonde existe aquelle magnifico deposito ou tanque, cuja capacidade é de coisa de onze mil pipas e que auxilia cinco chafarizes por espaço de 30 dias: d'esta maneira ficaram satisfeitos os desejos de Estevam Cabral; mas não ficou remediada a falta d'agua; porque o deposito (aliás mui util) é pequeno para encerrar os sobejos d'ella, que ha no inverno, e para depois supprir a sua falta no estio. — Como porém, aquella obra se fizesse durante o cêrco posto a esta cidade pelas tropas miguelistas, as quaes logo no primeiro dia em que chegaram fizeram um côrte ao aqueducto das aguas livres, e fosse preciso acudir com todas as providencias, que tal caso pedia, para abastecer de agua os habitantes e o exercito defensor das linhas, eu me vi obrigado a tomar um conhecimento minucioso de todos os poços e nascentes conhecidos, e a mandar sondar todos os terrenos em que julgava encontrar a agua, d'onde resultou o poder agora dizer alguma coisa a este respeito com conhecimento de causa; mas antes d'isso, averiguarei primeiramente a quantidade de que precisa a população d'esta côrte, aquella que tem no inverno e no verão, e depois mostrarei a que lhe falta. Mr. Delaistre, auctor da *Encyclopedia do ingenheiro*, publicada em París no anno de 1812 diz, que a polegada circular ou vêa de agua, medida pela caixa de medição franceza (*jauge*) em que a superficie da agua está sómente uma linha acima do orificio de saída, dá 13 *pintes* e meio cada minuto, e chega para o consumo de mil habitantes correndo 24 horas. Advirta-se porém que esta medida, examinada por diversos auctores mui respeitaveis, como se póde ver no Tom. 2.° da Architetura Hydaulica de Belidor liv. 4.° cap. 4.° é um pouco variavel, e por isso é mais seguro avalial-a em 14 *pintes* por minuto, que vem a ser com pouca differença um termo médio. Por conseguinte um *pinte* da antiga medida eguala — 0,931 do litro, e 16,541 do litro são eguaes a um almude de Lisboa ou 12 canadas. O nosso annel portuguez da caixa de medições das aguas livres, como está abaixo do nivel coisa de 11 polegadas (com certeza não me recordo) dá por minuto 14 canadas, e d'isto acho lembrança nos meus assentos; portanto se a polegada circular franceza corresponde a mil habitantes, o nosso annel de agua corresponderá a mil quatro centos e oitenta. As aguas livres no inverno enchem o caleiro de pedra por onde correm com 72 anneis, e depois não lhe cabe mais nenhuma, a que sobeja perde-se, e nas grandes sêccas do estio reduz-se alguns annos a 25 anneis; mas actualmente ainda se medem 40, segundo me informaram; logo as aguas livres apenas chegam para o consumo de 57$600 habitantes dos 240$000 que tem Lisboa, dando para cada um 14 canadas em 24 horas, que é menos de um barril de 18 canadas (segundo a postura da camara de 17 de julho de 1780): eu tenho attenção n'esta diminuição de 4 canadas por individuo aos menores de 7 annos que entram na conta; porque sendo adultos gastam um barril por cabeça, entrando n'esta despeza a agua para beber, para a

comida, para lavar, e para os animaes domesticos das familias. Vê-se por tanto que falta agua para cento e oitenta e dois mil e quatro centos habitantes (182$400) a qual é supprida em parte por algumas bicas de agua doce que tem Lisboa, além do chafariz d'El-Rei, o qual se não ressente das sêccas do estio e cada bica é uma torrente; pelo chafariz da Praia; varios poços e cisternas; mas assim mesmo a falta que se sente é muito grande, e d'ahi procede a carestia do barril d'agua, cujo preço no verão é dobrado do que tem no inverno, e por isso os habitantes pagam uma grande contribuição n'este genero de primeira necessidade, a qual não utilisa ninguem: porque o agoadeiro tirando 10 barrís emvez de 20 e vendendo por dobrado preço esses dez, vem a receber o mesmo dinheiro que faria nos 20 por ametade do dicto preço. Portanto, o augmento, referido em cada barril, reputado em 10 réis sómente, e levando em conta aquelles que pódem encher os 40 anneis dos chafarizes das aguas livres (unicamente) que são em cada 24 horas quarenta e quatro mil e oito centos (44:800) vem a importar 448$000 réis, e nos tres mezes do estio, julho, agosto, e setembro importa em 49:280$000! Eis aqui o que pagam e o que soffrem os habitantes de Lisboa, e que bem merece a attenção da exm.ª Camara, do Governo e das Côrtes; pois esta falta d'agua é muito facil de remediar, como vou dizer.

Primeiramente devia-se concluir a obra denominada — da Buraca — que consiste em ajunctar ao grande aqueducto um novo ramal em que já correm 12 anneis, e que já tem completos coisa de septe mil palmos de galeria; faltava outro tanto no tempo em que fui inspector, obra que orcei na despeza de 120:000$000 réis a qual, dando-me os meios precisos, eu me attrevia a concluir em dois annos. Depois que saí d'aquella inspecção para a prefeitura da côrte houve quem orçou a mesma obra em 50:000$000 réis! O papel soffre tudo; mas se acaso se fizer a despeza então se verá quem é que fazia um orçamento mais verdadeiro. Dizem-me que está agora orçada em 5000 o palmo de extenção, o que vem a ser 35:000$000 réis; mas eu acredito que se poderá dispender um terço menos d'aquillo que orcei, em razão de terem diminuido na mesma proporção os jornaes dos operarios e o preço dos materiaes; porém não posso crer que se faça por tão baixo preço como dicto fica, salvo se fôr muito mal feita de modo que logo se destrua. Como quer que seja, não deixarei passar isto sem advertir o mesmo que já deixou escripto o Dr. Vandelli na sua citada Memoria, em uma nota que se achará a pag. 379 do referido 3.º vol. das Mem. Economicas, e vem a ser. — Que n'aquelle terreno, por onde hade passar a galleria do aqueducto, ha muitos bancos de basalto, entre os quaes se encontram dejecções volcanicas, e n'estas veias de marquesita arsenical, ou arsenico cubico; é preciso ter muito escrupulo e muito cuidado em não admittir no aqueducto nenhuma agua sem ser experimentada no apparelho de Marsh; porque um só grão de arsenico póde matar vinte pessoas.

No meio do terreiro que jaz em frente do arsenal do exercito está principiado um poço artesiano, que já tem muita agua e de qualidade superior á das aguas livres por nascer dentro de um banco de *grés*. Este poço foi alli principiado por minha ordem, e como apparecesse a agua a menos de vinte palmos, suspenderam-se os trabalhos a fim de descobrir outras nascentes, reservando o seu acabamento para depois de levantado o cêrco. Logo que se levantou, representei ao governo a grande utilidade de concluir aquella obra, em razão da muita e boa agua que alli se tirava, e que nada prejudicava aos arsenaes; por quanto se lhe podiam metter manilhas de ferro coado por debaixo da terra, e desviar o jacto para a parte do mar, ficando o terreiro tão livre e desembaraçado como estava d'antes. D'esta representação nada resultou; mas é evidente que, sem fazer exorbitante despeza, se podia obter um grande manancial d'agua a qual elevando-se acima do terreno, como costuma acontecer nos poços d'esta natureza, ainda que não fosse mais do que 30 (a) palmos, podia depois ser conduzida por manilhas de ferro para dar uma bica dentro do arsenal, e fazer um chafariz no largo de S. Paulo.

Attendendo á configuração geognostica das rochas d'esta capital e seus arredores, já descripta pelo Sr. Barão de Eschwege na sua Memoria que vem inserta nas da Academia R. das Sciencias tomo XII parte 2.ª pag. 29, tudo me induz a crer que o poço artesia-

(a) Para que se eleve a agua nos poços artesianos não é preciso que existam grandes depositos d'ella nas montanhas mais altas, em que as bancadas de *grés* de *nebra* e *jurassico* tem a sua origem, basta que d'alli venham filetes ou faixas d'ella, e que estejam em contacto com os depositos inferiores ao furo; porque o jacto se formará com a reacção do ar que está mettido nas cavidades das rochas pela parte superior dos depositos da agua, á maneira d'aquelle que por industria humana se deixa ficar nas caixas ou receptaculos de ar das bombas dos incendios. Pelas leis da hydrodynamica um filete de agua muito elevado faz tanta pressão no deposito que estiver profundamente encerrado nas rochas como se fosse uma columna, que tivesse por baze uma área de secção egual á das paredes que lhe resistem.

As bancadas de *grés* formaram-se de sedimentos arenosos quando o mar cobria todas as montanhas que vemos, e por isso n'ellas deixou tantos vestigios; depois retirou-se para o pólo do Sul por causa da attracção do sol, que é variavel para nós os habitantes do pólo do Norte, segundo estiver mais distante o ponto perihelio, e ficando a sêcco as dictas bancadas, diminuiram de volume, seccando-se racharam e abriram numeraveis fendas em todos os sentidos, e formaram grandes cavidades entre bancada e bancada por causa de estarem inclinadas ao horisonte, de terem a propriedade de afectar a fórma cubica quando se fendem, de correrem um pouco sobre suas bases, e formarem arcadas muito consideraveis, como se observam nas praias do Algarve, nas pedreiras que se abrem, e nas minas. Ora, não podia deixar de entrar o ar para as dictas cavernas pelas mesmas aberturas superficiaes por onde entra a agua no alto das montanhas; porque — *non datur vacuum in rerum natura* — e necessariamente havia de entrar, ou fosse de mistura com a agua, ou primeiro que ella; pois está sempre em acção. Admittido isto (que se não póde negar) segue-se que elle se acha comprimido nas cavernas e cavidades aonde existe agua no interior das bancadas de *grés*, e por isso um poço artesiano tem muita similhança com o jogo da bomba dos incendios. — Abre-se o furo e tanto que se chega á superficie de algum lençol, faixa, ou deposito d'ella necessariamente será obrigada a subir com muita fôrça por causa da pressão do ar compresso; os filetes que se acham no seu contacto e que se elevam até ás alturas das montanhas, diminuem de elevação alguma coisa; mas sómente tantas polegadas quantas diminuir a superficie dos grandes depositos que alimentam o jacto do poço, e por isso uma ou duas em certos casos póde alimental-o um anno inteiro: depois vêm as chuvas, e reparam as perdas. — Esta me parece ser a verdadeira theoria dos poços artesianos.

no de que me tenho occupado poderia dar um jacto de agua de elevação de 30 palmos, pelo menos, e se as manilhas ou tubos de ferro, que se lhe mettessem, fossem de um diametro util de cinco polegadas, o dicto jacto daria tanta agua como póde dar uma polegada circular ou vêa fluida de 12 linhas de diametro com a pressão de uma columna d'agua de 39 a 40 palmos de altura; o que vem a ser 1:836 canadas por minuto, ou quatorze mil seis centos oitenta e oito barris em 21 horas. — Basta considerar isto, por um pouco, para vêr quanto seria util tentar a abertura proposta e abril-o até 400 ou 500 pés de profundidade, cuja obra talvez não custaria 1:000$000 réis se porventura as bancadas de *grés*, alli achadas quasi á superficie do terreno, estiverem sobrepostas no *grés* mais antigo ou calcareo *jurassico*, porque n'este caso escusam-se os tubos de ferro dentro do furo. — Por toda a parte em todas as nações cultas se abrem poços artesianos de que se tira muita utilidade, como por exemplo esse de *Grenelle* que se abriu em París, ha pouco tempo, de que os jornaes teem dado circumstanciadas descripções; será pois bem máu fado nosso que se desprese este já principiado, em que se manifestou a agua logo no principio.

No beco dos Pelames ha outra nascente de muito boa agua, inteiramente similhante á do chafariz d'El-Rei. Eu mandei alli fazer uma fonte provisoria (durante o cêrco) de duas bicas correntes, acima do nivel do terreno coisa de 4 palmos, de maneira que se enchiam os barris dos aguadeiros commodamente. Como esta nascente fosse muito boa e desse por minuto vinte e oito canadas, ou dois mil dusentos e quarenta barris em 24 horas, tentei fazer um novo chafariz, e propuz tambem esta obra ao governo; mas teve o fado da outra proposta já mencionada. Segundo mostraram os nivelamentos que mandei fazer, aquella nascente vem dar á superficie do terreno da rua dos Bacalhoeiros e nove palmos acima do cano geral de despejo da rua da Ribeira Velha; por conseguinte pode-se fazer um novo chafariz similhante ao d'El-Rei, expropriando os predios de casas da rua dos Bacalhoeiros, n.os 1, 2, 3, 4, 5, que terão de comprimento coisa de 11 braças, estão arrumados a uma muralha, são pouco elevados e de pouco valor: talvez não custem mais de 4.000$000 réis. — Mas é de advertir que se não destroem, basta aproveitar as lojas, metter-lhe uma arcada elliptica de tijolo, e deixar ficar por cima os dois andares que tem: d'esta maneira o chafariz occupava um terço do terreno das lojas e os dois terços ficavam para a carreira dos aguadeiros sem o menor pejamento da rua. Este chafariz dava agua pura e muito boa a grande parte da população da cidade baixa e á população ambulante, que vem ao cáes de Santarem todos os dias com os viveres e diversos fornecimentos; é uma obra tão util que por si mesmo se inculca.

Nas escadinhas da Pampulha rebenta na praia, junto do ultimo degráu, um bolhão de agua potavel de boa qualidade, que provavelmente procede das nascentes dos poços de nora, que ha nos quintaes por detraz das casas dos herdeiros do falecido desembargador Manuel Vicente Teixeira, a qual se podia aproveitar com mui pequena despeza, abrindo alli um poço de balde e resguardando-o das aguas do mar com paredes macissadas em argamaço hydraulico: a rocha, em que nasce este bolhão d'agua, é um conglomerado de carbonato calcario de formação terciaria, que deve repousar em camadas de argilla compacta impenetravel pela agua do mar, e por isso o poço se póde fazer sem nenhum receio de que se infiltre a dicta agua salgada, uma vez porém que tal obra seja feita por quem d'isso intenda e tenha conhecimentos.

Subindo a calçada da Ajuda, a coisa de dois terços do seu comprimento sobre a mão esquerda, vê-se, á flor da terra uma ondulação dos conglomerados calcarios que trazem a sua origem da serra de Monsanto, e por baixo d'elles nas bancadas de argila correm abundantissimas vêas de agua potavel, como se observa na quinta que foi da fabrica das sedas no sitio denominado dos Terramotos: ha uma abertura nas rochas da serra por onde se vê correr a agua depois de ter chovido alguns dias, e seguir a direcção das bancadas calcarias. Por baixo dos leitos de argila estão os bancos de grés de Nebra, ou *Lapis arenarius vulgaris* — *Saxum sablosum de Linn.* — (Veja-se mr. Valmont de Bomare na sua Mineralogia T. 1.° pag. 349, e o Ensaio Geognostico sobre a jazida das rochas por Alexandre Humboldt, edicção de Pariz de 1823 T. 1.° pag. 205). N'estes termos é muito provavel que alli se tirasse uma abundante vêa de agua de poço artesiano: não se perderia o trabalho; porque se o furo chegasse ás bancadas de grés, ella repuxaria e ficaria corrente, e se não chegasse fazia-se um poço de balde, que seria muito util n'aquelle local tão falto d'aguas.

Em Val de Pereiro, na propriedade chamada — a Quintinha — ha um poço de agua potavel tão abundante que, durante o cêrco, forneceu diariamente os defensores das linhas, e d'alli a tiravam mais de trinta aguadeiros constantemente; alli íam encher-se muitas pipas dos particulares, e por minha ordem se enchiam tambem as que mandava fornecer de agua o povo nas estações das Pedras da Patriarchal Queimada; fabrica da loiça ao Rato; na Boa Morte e Buenos Aires: o dicto poço nunca estancou, nem diminuia em 12 horas senão duas polegadas, a qual diminuição se ressarcia durante o repouso da noite. Esta agua não é tão boa como as outras descriptas: os sedimentos que deixa no fundo das vasilhas teem um certo amargor desagradavel; mas cose bem os legumes, desfaz o sabão e d'ella bebi mais de um mez sem que sentisse o menor incommodo, nem se queixou ninguem que d'ella fez uso. O dicto poço não utilisa nada ao seu proprietario; porque não póde regar mais do que uma estreita tira de terreno de insignificante valor, e por isso a Exm.a Camara d'esta cidade o devia comprar a fim de abrir uma mina por baixo d'elle e pôr a agua corrente para a trazer ao Passeio Publico, aonde a folha das arvores está caíndo com seccura, aonde não ha senão poeira, e o terreno das ruas escalda os pés de quem por ellas passeia. Além d'este poço ha mais dois nas terras do Visconde da Bahia, os quaes poderiam ser comprados, ou expropriados, se o proprietario recusasse vendel-os; pois era a expropriação feita nos termos em que deve ser — *para utilidade publica de uma capital:* a mina, que se fizesse por baixo do primeiro dicto da Quintinha, podia dirigir-se aos outros dois e ajuntar as nascentes de todos, que devem ser mais de seis anneis, e a conducção para o Passeio Publico é fa-

cillima; porque podia ser conduzida em manilhas de barro por dentro da mina, que se abrisse até entrar na rua de Sancta Martha e d'alli até ao Passeio em manilhas de ferro, para poder repuxar e subir á nova fonte que se está fazendo. — Mas a distancia do encanamento das manilhas de ferro é de 2.500 palmos ou duzentas e cincoenta braças, cuja obra custaria seis contos de réis, porque avalio a braça d'este encanamento prompto de tudo em 24$000 réis. Ora seja-me licito dizer que a nova fonte é tão desengraçada que parece o patamar de uma escada de dois lanços, e não merece tal despeza. Toco isto de passagem sem querer offender o architecto que fez aquelle risco; pois não o conheço nem sei quem é; mas se a Exm.ª Camara, que tantos beneficios tem feito ao municipio, quizer fazer uma obra que não envergonhe as nossas artes ainda está em tempo, ainda uma mão habil póde emendar aquelles grandes defeitos e falta de gosto sem desmanchar nada, sómente emendando e decorando o que alli está levantado pelo risco (pouco mais ou menos) da fonte desenhada por Belidor que vem no tom. 2.º da sua Architectura Hydraulica, liv. 4.º cap. 4.º estampa 5.ª n.º 50; pois essa é magestosa, e tem a singularidade de ser decorada sobre os pilastrões com figuras de rios similhantes aos nossos Tejo e Doiro que já estão feitos, e que não mereciam estar assim deitados *ás malvas*. Continuarei com a materia principal do meu trabalho.

Ha na cerca do convento de Sancta Anna um antigo poço que d'antes se chamava — Poço da Cidade — e que demorava n'uma estreita viela que dava communicação do largo de S. Luiz para a calçada existente; d'este saía juncto do fundo o antigo encanamento d'agua que a ministrava ao chafariz do Rocio, o qual ficou sepultado nos entulhos do terremoto a coisa de 19 palmos de profundidade, e jaz no alinhamento da calçada que vae pela frente do novo theatro, correspondendo á penultima janella da esquina oriental: ainda alli corre a agua que anda extravasada pelo entulho, e brotou com grande força nos alicerces do novo vestibulo. Esta agua é potavel e de boa qualidade, merecia bem a pena de sondar o dicto poço, examinar por onde tem o orificio de despejo, e vêr em que nivel fica; porque se podesse ganhar a superficie do terreno actual do largo de S. Luiz, alli se devia fazer uma nova fonte de duas bicas. Advirto que a existencia do poço é verdadeira e bem assim o que digo ácerca da qualidade da agua; mas tudo o restante é historia tradiccional que eu não pude verificar, e refiro-a conforme as informações que me deram pessoas circunspectas, que eu tenho por muito verdadeiras.

Tenho sobejamente provado que Lisboa tem muitas nascentes de agua potavel, com que podia ser abundantemente provida, para não sofrer as faltas que padece e que muito influem na saude publica; porque a agua é mais precisa no tempo do estio do que no inverno, tanto para beber e fazer a comida como para aceio e limpesa do corpo, e das roupas. Era muito util que houvesse sobejos em vez de faltas; pois que n'este caso poderiam encher-se de arvores as praças, os quintaes e varios terreiros para melhorarem o ar que se respira, e poderia haver em todos os bairos verdadeiros tanques de lavandeiras, e não charcos immundos.

Disse até agora tudo o que sabia ácerca das nascentes, direi d'aqui em diante alguma coisa sobre a maneira de reservar a agua das Aguas-Livres, que se desperdiça no inverno e que se devia guardar para o verão.

Visconde de Villarinho de S. Romão.

(Concluir-se-ha.)

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O ARTIGO 3170 DA REVISTA UNIVERSAL PARA EDSENGANO DE MUITOS.

3300 O AUCTOR do supracitado artigo aponta entre os immensos recursos, que a Divina Providencia liberalisou a Portugal, e que não são approveitados, suas minas, allegando de obras antigas o muito oiro e a abundancia de prata, que existia no tempo dos carthaginezes e romanos em Portugal, fallando tambem das outras riquezas metalliferas, assim como das muitas pedras preciosas em toda a peninsula ibérica, entre as quaes até não deixou de nomear esmeraldas e diamantes (!!) e fazendo além d'isso dizer a um dos historiadores, como se fosse um evangelista, *quem duvidar da riqueza das nossas minas tem perdido o juizo.*

Para corroborar, ainda mais, estas noticias das riquezas subterrâneas, dá um extracto de varias cartas de um estrangeiro, viajante em Portugal, escriptas aos seus patricios fóra do reino, e nas quaes se falla *das incalculaveis riquez as de mineraes que se encontram em toda a parte, e como elle marchou muitos dias sem interrupção sobre minas de oiro, prata.*

Não se póde duvidar de que em tempos remotos, principalmente no dos romanos, floreceu em Portugal a exploração das minas de metaes preciosos; e de certo por muitos seculos; não só pelo que dizem os historiadores afamados, mas porque á vista dos restos das suas obras se convence o indagador mineralogico d'esta verdade. Leguas e leguas de comprimento se acham montanhas inteiras, minadas por gallerias subterraneas, e crivada a superficie com poços ou fójos; veias metalliferas inteiras foram exploradas desde o cume das montanhas até os mais profundos valles, mostrando medonhas rachas abertas, que cortam as serranias em muitas direcções (v. g. na serra de Valongo, e na visinhança de Bragança), e nas margens de todos os rios foram revolvidos os sedimentos alluvionicos, sem ficar uma pedra sobre outra na sua posição natural.

Está provado, que d'estes ultimos jazigos de terras de alluvião, ou vulgarmente chamada de cascalho, não podem ter tirado senão oiro; — mas problematica fica a qualidade de metal, que tiraram das minas nas montanhas; se foi oiro ou prata, ou ambos os metaes junctos; pois até agora não se tem achado vestigio algum, por onde se podesse julgar com certeza sobre este objecto, não obstantes todas as diligencias, que temos feito, para os descobrir; entrando em centenares d'estas antigas galerias, poços e fójos, e até algumas vezes com perigo da vida; nas quaes nem ao menos uma amostra deixaram pegada nas paredes das dictas minas, exploradas todas a picão ou a fogo, visto que n'aquelle tempo, ainda não era conhecido o uso da polvora.

Resulta d'estas indagações que, se n'aquelles tempos houve riquezas approveitadas, hoje já não as ha aliás muito ha que estariam descobertas; — e os

portuguezes a este respeito, como em muitos outros sentidos, podem exclamar—*fuimus troes*!

O grande laboratorio chimico da natureza já não enche de novo os vieiros explorados com depositos novos de metaes preciosos; e o oiro depositado nos leitos antigos de rios no decurso de milhares de annos não se poderá reproduzir em centenares com a mesma abundancia.

Julgamos—que o parecer, sobre esta materia, de uma pessoa, que quasi toda a sua vida, e desde a sua adolescencia, se tem applicado aos estudos mineralogicos e montanisticos, tanto theoricos como praticos, e que na longa carreira de 36 annos, occupado na administração de minas, na Allemanha, em Portugal e no Brasil, tendo além d'isso examinado todas as provincias (com excepção do Algarve), e os logares conhecidos como metalliferos, digo, que o parecer de similhante pessoa, que por estes motivos tem adquirido alguma fama européa, deve valer alguma coisa.

Portanto declaramos abertamente, que em todo o reino não encontramos veias ou camadas metalliferas, as quaes, a olhos vistos, promettessem riquezas; achamos só indicios em muitas partes da existencia de mineraes de chumbo, cobre, estanho, antimonio, cobalto e ferro, oiro em pequena quantidade nas alluviões, mas prata nunca, com excepção da pouca que se acha na galena de chumbo.

Causa-nos portanto riso, se alguem falla de incalculaveis riquezas em mineraes, e como um viajante estrangeiro quer persuadir ao publico, ter por muitos dias marchado sobre minas seguidas de oiro e prata, e como nenhum cavallo pisou tantos metaes preciosos como o d'elle; e de certo foi o cavallo, que fez este descobrimento novissimo; mas o nosso riso se transforma em tristeza ao ver como um portuguez póde mandar para um jornal similhantes escriptos absurdos, dictados—ou pela ignorancia, ou por fins sinistros, —attraíndo sobre a nação o epitheto de ignorante, que o astuto escriptor das cartas lhe dá tão gratuitamente.

Este estratagema das cartas e a chegada d'ellas a mãos de Portuguezes, na verdade, são uma tão calva, que logo se conhece, que hão-de servir de isca a um especulante, para apanhar bolsas alheias e mesmo as dos portuguezes.

Diz o viajante ter examinado, 457 *minas*, *e todas virgens*, e que se acham nas mãos dos hotentotes portuguezes;—¿serão estas por acaso as mesmas minas que descobriu o incansavel descobridor das minas A. B. Michilis, que Deus haja em sancta gloria, e entre as quaes só de oiro conta tresentas e tantas minas riquissimas, as quaes todas deixou no seu testamento metallurgico á nação, morrendo elle pobre?—¡ ou alcançou o novo descobridor vista do *livro das noticias curiosas* que deixámos em manuscripto no archivo da extincta intendencia das minas (que desappareceu como dizem), e no qual se acha uma relação de mais de quinhentos logares metalliferos, com indicação e apontamento para pesquizas!

O auctor das cartas anonymas falla além das noticias dos seus descobrimentos, da necessidade de reformar a lei das minas e da creação de cadeiras para o ensino das sciencias montanisticas, mandando-se vir de fóra os lentes.

Para fallarmos a verdade, seria isso um pequeno principio de desejos de contribuir para animar o trabalho das minas; um pequeno annel na grande cadea das providencias que se deviam dar: mas esmorecemos inteiramente lembrando-nos o mais que ainda falta para poderem produsir saudaveis effeitos todas as providencias. Em primeiro logar—¿ como se poderá esperar a saída de uma lei perfeita para o trabalho das minas n'um paiz, onde similhante ramo de administração publica é inteiramente desconhecido? e legislando sem conhecimento de causa, é natural que sáiam desparates; e copiar as leis de outros paizes sem poder ajuizar quaes serão as mais proprias para este é mui arriscado.—Mas supponde, alcançavamos as melhores leis, ¿ quem as havia de pôr em execução? ¿ a quem se poderá confiar a administração n'um paiz, no qual ninguem se applicou a este ramo, e no qual só pessoas consumadas na pratica de administração das minas e não rapazes que saem da eschola, por mais habeis que sejam, são capazes de estarem á testa de estabelecimentos? ¿ e onde se acham similhantes sujeitos?—Mil erros e desatinos se commetteram estorvando o andamento dos trabalhos que impacientaram o governo e os accionistas.

Emfim n'um paiz, onde tudo se ha-de de começar de novo, não ha esperança alguma, para as primeiras gerações, de fazer fortuna com o trabalho das minas; e sendo além d'isso o dicto trabalho o mais arriscado para plicar n'elle o seu dinheiro, sendo loteria na qual ha cem vezes mais numeros brancos que premios: só por este motivo o trabalho das minas já é mais proprio ser empreendido por conta do estado que por conta de particulares. O estado ainda que não tire lucros directos dos trabalhos, tira-os indirectamente: e este deverá ser o principal fim d'estes trabalhos. Onde por conta do estado se trabalhar nas minas, não se pergunta, quanto renderam, mas pergunta-se, quantas familias tiraram seu alimento d'estes trabalhos, quanto dinheiro ficou no paiz dos productos tirados das minas, que aliás sairia para se comprar fóra; pergunta-se, quantos ramos de industria se acham creados e fundados sobre o producto original e crú tirado das minas. Mas um accionista de minas não pergunta por isso; elle só quer saber o que elle ganhou; e não ganhando, larga o trabalho, importando-se pouco se o estado em geral com isso perde.

São quasi dez annos que a administração das minas em Portugal, por conta do estado, foi aniquilada por um rasgo da penna de um dos ministros, dando-se livre a exploração a quem a pedir; houve grande enthusiasmo em formar companhias de mineração; cuidando ficariam ricos repentinamente: houve emprehendedores que prometteram fazer feliz a nação; e pergunta-se ¿ qual foi o resultado durante todo este tempo?—Perdeu-se tudo o que estava feito por conta do governo: e como as riquezas promettidas pelos especulantes não appareceram logo, morreram similhantes companhias; algumas já no parto e as outras acham-se em agonia não podendo viver nem morrer.

Portanto, emquanto não se mudar o systema, em trabalhar outra vez as minas por conta do estado, nunca florecerão minas em Portugal; só ao estado, que não morre nem preciza impacientar-se, como as sociedades de accionistas e particulares, convem o trabalho das minas; só elle é capaz de vencer todos os obstaculos de

5 * *

uma empreza renascente; só elle póde supportar todas os revezes, e esperar pelo tempo em que tudo concorrerá para a prosperidade das minas: mas este tempo ainda é remoto, e não ha meio algum de o chamar para appressar a sua vinda.

Olhemos agora para a Europa inteira, e examinemos quaes são os paizes, onde hoje em dia florescem mais as minas; e sem duvida acharemos que a administração d'ellas se acha no maior auge n'aquelles, onde as minas são administradas por conta do estado, como na Allemanha, na Suecia e parte da França. — ¿Mas a Inglaterra? perguntarão os apaixonados do systema livre da mineração. — É verdade: — mas a Inglaterra faz uma excepção da regra, não por saberem as companhias e particulares melhor o que lhes convem, mas só pelas immensas riquezas das suas minas de carvão de pedra e de ferro, as quaes são por assim dizer inexgotaveis; e se estas fossem menos ricas ha muito estariam perdidas, como as minas de outros paizes, onde se adoptou o systema inglez. A França no tempo da revolução quiz imitar este systema, d'onde resultou logo a decadencia das suas minas, e ainda hoje trabalha para remediar estes males e chamar outra vez a administração para a tutela do governo.

Na Allemanha tambem pertencem as minas mais consideraveis, como são as do Harz e da Saxonia, a companhias de accionistas; estas minas já trabalham ha 4 e 5 seculos e mais, mas sem terem os accionistas voto algum na administração, a qual toda é por conta do estado que noméa os empregados e que lhes paga: e tanta fé ha n'estas administrações, que nunca faltam accionistas para empregar o seu dinheiro na compra de acções.

O methodo adoptado da administração, por conta do estado, é o meio mais seguro da conservação das minas por muitos seculos; similhante administração não tracta de explorar só os jazigos mais ricos, mas tambem de tirar utilidade de jazigos pobres, conservando sempre um equilibrio entre a receita e despeza: e só d'esta maneira se poderá conseguir que as minas se conservem rendosas por tempo de seculos, ministrando meios para que a industria, ligada á mineração, seja sempre alimentada para fazer a felicidade dos povos e de provincias inteiras.

Portugal, como já dissemos, não offerece riquezas visiveis de jazigos metallicos, e nunca alcançará os beneficos fins do trabalho das suas minas, não sendo administradas por conta do estado; e quem tiver vontade de se informar das vantagens que similhante administração produziu, durante os annos de 1802 até 1836, não obstantes todos os contratempos que soffreu, poderá consultar uma pequena memoria nossa sobre a *historia moderna da administração das minas em Portugal*, que publicámos no anno de 1838.

Barão de Eschwege.

—

N. B. O artigo precedente (confessamol-o com o devido respeito á muita sciencia e pratica de seu auctor) parece-nos, que poderá ser exagerado: — e exagerado, em contrario sentido, nos parecêra tambem o que elle procura refutar. Démos entretanto cabida a um e a outro, e dal-a-hemos aos mais que vierem sobre o mesmo assumpto; porque, apezar de mais afeiçoados á industria que ás minas, e infinitamente mais a agricultura do que á industria, intendemos que, nas actuaes circunstancias, o ponto da controversia merece illucidado.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

AFRICA PORTUGUEZA.

3301 Agora que está ainda retumbando pela Africa, e centuplicando ecchos por toda Europa o esbombardeamento da vingança franceza contra a indomita e altiva *Tangere*, já que nem um marinheiro tivemos por quem mandar dizer, como a *Dinamarca* e a *Suecia* áquelle covil de piratas, — assás e de sobejo é tempo de nos redimirmos do tributo, redimimo-nos, — consolemo-nos d'esta vergonha, se porventura não fôr isto aggraval-a, recordando glorias antigas portuguezas que esta mesma semana, n'essa mesma plaga, produsiu abundantissimas.

A 21 de agosto de 1415 elrei D. *João* o primeiro, com os valorosos infantes D. *Duarte* e D. *Henrique* e o principe D. *Affonso*, seus filhos, desembarca com dezoito mil portuguezes de uma armada de mais de quinhentas velas, nas praias de *Ceuta*: apezar de uma resistencia desesperada, rende-a; hastêa-lhe nas muralhas as quinas; e na mesquita, consagrada, arma cavalleiros aos infantes, para se recolher á patria onde o aguardam os emboras e agradecimentos de toda a Christandade.

Cincoenta e seis annos depois, a 24 de agosto de 1471, repete elrei D. *Affonso* V com seu filho o principe D. *João* similhantes ou maiores gentilesas em *Arzila*. — Vencidas primeiro as furias do mar, que nas costas se levantou para devoral-os, e prostrados depois a ferro os inimigos em *Arzila*, como em *Ceuta* fizéra D. *João* I, — arma D. *Affonso* na mesquita, purificada e consagrada, cavalleiro a seu filho, que tão assás o havia merecido, contando só desesseis annos de edade, que a poder de ferir acabou a batalha com a rija e grossa espada toda torcida (cançava então mais depressa o ferro que o braço dos portuguezes). O cadaver do conde de *Marialva*, morto como valente no conflicto, assistiu, estirado na sua éça como testimunha, a esta cerimonia, a qual elrei concluiu apontando para elle, e dizendo ao filho, ¡ *Deus te faça tão bom cavalleiro, como aquelle que alli jaz!*

Quatro dias depois, tanto como aqui fizéra com as armas, faz mais adiante, em *Tangere*, só com a presença: *Tangere*, a feroz martyrisadora dos principes e vassallos d'este reino, cae-lhe aos pés e se lhe entrega pedindo misericordia, que el-rei, feliz e magnanimo, facilmente lhe concede.

Com a conquista d'estas duas praças, no coração da Africa e geralmente havidas então por inconquistaveis, veio a este soberano o mesmo titulo, com que *Scipião* se ensoberbecêra, de *Africano*; e aos seus successores, o de *reis de Portugal e dos Algarves, d'aquém e d'além mar em Africa.*

No decimo anniversario de tão prospera jornada, a 28 de agosto de 1481, na serra de *Cintra* e na mesma caza, onde nascêra, adormeceu D. *Affonso* em o Senhor, d'onde foi levado para o monumento da *Batalha* no qual jaz.

¡ As nossas glorias africanas jazem tambem e não ha já ressuscital-as!

¡ Podessem as da paz, do trabalho e do amor, fazer-nos algum dia deslembrar tamanhas perdas!

UMA VIAGEM A S. MARCOS EM MAIO DE 1843.

CONCLUSÃO.

(Continuado de pag. 39.)

3302 Entra-se do terreiro para o convento, do lado direito da egreja por uma porta pequena, occulta sob a abobada da varanda, que seguram elegantes pilares de pedra, com seus assentos. Encontra-se uma caza de acanhada altura, mas coberta de rica abobada de ordem dorica segura em grossos pilares, com seus avultados relevos, enlaçados em festões, elegantemente. D'ahi pela direita sobem-se dois lanços de escadaria até um patim, d'onde á direita se continúa a descer até á porta do jardim, e á esquerda a subir até o vastissimo salão de entrada; vindo a escadaria a terminar no meio d'elle quasi em um terço do seu comprimento, fazendo uma abertura ornada de ambos os lados com grosso parapeito e balaustrada de pedra, terminando em dois leões da mesma pedra, sentados nos parapeitos, ao morrer do ultimo degrau como sentinellas do mosteiro sancto.

O salão de entrada é um quadrilongo extenso e de altura proporcionada, alastrado de bella lisonja, coberto de lisa abobada, com o seu friso muito grosso. — Ficam-lhe ao sul, do lado da balaustrada, os salões e quartos da antiga hospedaria, airosamente decorados com suas janellas de sacada sobre o terreiro, e de peitoril sobre o jardim. Ao poente, o terreiro, para o qual lançam sobre a varanda da entrada quatro grandes sacadas. Ao norte, o claustro da egreja. E ao nascente, bem no meio do salão, um vasto portico, ora redusido a singela porta, lança para o magestoso dormitorio, que vamos seguindo.

E' esta uma das óbras mais elegantes do convento. Alevanta-se até á altura de dois andares da caza, terminando em rico tecto de castanho de relevo gradeado, de finas côres; é cortado por dois pequenos corredores, que o atravessam em cruz e lhe dão claridade com as janellas dos seus topos; tem dezessete portas de cada lado com elegantes portaes de pedra, terminando em fórma de altar, e estende-se em linha recta até uma grande porta; e em cima d'esta uma vasta janella ou oculo de vidraça sobre a varanda.

O coração, que vae sanctamente recolhido ao atravessar a vastidão do immenso dormitorio, que respira magnificencia e mystica suspensão, alegra-se involuntariamente ao sair d'esta infinda avenida, aonde a luz, coada pelas vidraças erguidas e pelos topos afastados, derrama um colorido baço e melancolico. Parecia que as passadas dos nossos companheiros nos representavam a cada instante o andar ordenado e manso das sandalias religiosas. Voltavamos os olhos para traz; e perdia-se a vista na progressão immensa de tantas portas e arcos uniformes, onde transpareciam, de vez em quando, como uma visão, os veus brancos e os alvos vestidos transparentes das damas, que entravam e saiam dos seus quartos de passageiro descanso. E lá nos ficava, ao cabo, o salão cheio de vida; entravam-nos enfiados pelo dormitorio mas já perdidos, confusos, e quasi mortos os sons da romagem longinqua; até que no extremo opposto se perdiam de todo; e os nossos olhos se arrobavam com outro quadro bem differente.

¿ Qual é o homem, sem-sabor, da cidade risonha do *Mondego*, que não veio inda espairecer os seus olhos pelas vistas grandiosas da bellissima varanda do dormitorio de *S. Marcos*; e lançar de lá uma olhadura de admiração para a sua *Coimbra*? Formoso espectaculo era aquelle. De norte a léste uma progressão vastissima de oiteiros melancolicos, cobertos de pinhaes, de oliveiras, e de arvoredo escuro, onde a vista se perde; e d'onde se levanta ao longe com seu aspecto carrancudo a serra do *Caramulo*. Logo mais perto, o *Bussaco*; coberto de grande malha negra, que a sua formosa mata representa; — o *Dianteiro* mais acanhado; — e logo mais ao largo a serra da *Louzã*, campeando por cima de todas, coroando o horisonte, e confundindo-se ao largo com a *Estrella*, cujos pincaros escarpados, e remotissimos, lá se descortinam, mal distinctos, entre o vapor asul da atmosphéra. Ao suéste as serras do *Rabaçal* e logo pelo sul os oiteiros suaves e formosos da margem esquerda do *Mondego*, que vão enfiados uns nos outros morrer no Promontorio de *Boarcos*, que termina o horisonte pelo noroeste.

E mais perto, mesmo debaixo dos olhos, como que a nascer á raiz do oiteiro, o formosissimo estendal do campo de *Coimbra*, como um lago de verdura reclinado, de nascente a poente, pelo espaço de cinco leguas; estendendo os seus braços por entre os oiteiros do noroeste e sul em valles, mais ou menos largos, que se perdem suavemente entre a negridão do chamado *Monte*. Aqui se alarga elle bojudo, de banda a banda, com suas duas e tres leguas de distancia como nas alturas de *Alcarracas*, e *Rio de Soure;* alli se estreita até á largura de uma pequena legua, sempre desegual, e variado. E lá o segue continuo, serpenteando alegremente pelo meio essa lista resplendente e bella das aguas do *Mondego*, deixando á direita e á esquerda, aqui, um labirintho de pequenas vallas formando angulos mais ou menos agudos; além, as alagôas e paús do inverno, formando largas malhas lusentes; e acolá, as linguetas semi-circulares da areia do alveo velho, de que já fallámos.

E ao longe, mesmo em frente da varanda, no extremo do formoso campo, ao nascente, lá se devisam os arvoredos altissimos e vasto do encanamento, formando um altar mór, um altar immenso: d'onde se ergue, suavemente a gentil cidade, a branquejar, e a lusir como um vulto de crystal, a refletir-nos o clarão purpureo do sol pelas innumeraveis vidraças de suas janellas e balcões; a sorrir-se para os nossos olhos, como um rosal de primavera; para os nossos corações, como um madrigal de flores.

¡ Oh! como a nossa vista languidamente nos ficava presa n'aquelle espectaculo tão bello! — E quando o sorriso da felicidade me poisava nos labios ao contemplar a cidade risonha dos amores e dar-lhe cá de longe um adeus de ternura e de paz, alguem, que estava perto, me travou do braço direito, me fez voltar para o occidente, e me apontou para o outro extremo mais longinquo do campo. E' o reverso do quadro; é o oiteiro triste, e magestoso de *Monte-mór*; de *Monte-mór* o gigante, e o rei, que lá nos campeia na frente a perder, no asul da abobada, a sua ca-

beça altiva, toda coroada de ameias, e de negras torres semi-derrocadas; — a voltar-nos grosseiramente as costas, sorrindo-se com suas galas novissimas, lá para os campos da cercania; e deixando cá para nós, uma lagrima, uma lagrima profunda como o velho dó de suas guerreiras vestiduras d'outr'ora.

E nós afastámos os nossos olhos d'aquelle frio aspecto de rei, de tiranno, e voltámo-nos outra vez para a bella rainha tão louçã, e tão dada, para a nossa *Coimbra*; e enlevados estavamos com um oculo de alcance a estudar, entre o semi-circulo vastissimo do *Monte* da margem esquerda, as inumeraveis quintas e villas, que á sua fralda se alevantam: *S. Martinho* lá no alto, logo a bella caza da *Corugeira*, a dominar o campo, *Taveiro*, escondida entre o verdor dos alamos, e salgueiros, com o seu alto e melancolico cipreste, que o assignal-a de longe, bem de longe; e logo *Reveles*, mais alegre e alevantada, em frente do mosteiro, *Pereira*, deitada no praiuo, e quasi escondida aos olhos; — só aos olhos, que no coração de centenares de damas dura muito viva uma recordação d'aquelle collegio de mocidade, unico pela provincia, unico, e tão abandonado e desfavorecido de quem manda, que teve palacios que dar para tantos mysteres quasi inuteis, e não teve um hospicio sequer, um sobejo das grandesas monachaes para aquella instituição tão proveitosa. E logo *Sancto Varão* na volta do rio, a espreital-o por entre os chopos; — e *Formoselhe*, mais alto; — e logo o rio de *Soure*, com seu campo tão largo a rivalisar com o nosso, e *Verride* sentinella da margem opposta no declinar do *Monte*; e tantas outras quintas, e povoados, que ahi branquejam tão alegres entre o verdor das collinas.

E mais veriamos, se não subisse n'esse instante aos ares uma girandola de foguetes que annunciava o começo da missa; e não viesse chamar-nos um dos mancebos, para que dessemos, como os demais, o nosso braço ás damas, que nos aguardavam no salão, para descer para a egreja.

Eis-nos salvando n'um pulo o dormitorio, outra vez no bolicio da romagem, a conduzir uma das damas pelo braço, no meio dos outros pares tão libertos e contentes. Atravessámos dois a dois o salão da entrada, saímos pelo portico do topo para o claustro dorico da egreja, com seus bellos pilares, sua abobada de relevos encrusados em festões, como o claustro rico de Sancta Cruz; e seus grossos gigantes apilarados a vestir a face do quadrado; descemos uma vasta escadaria, e pela arcada inferior do claustro, entrámos na sachristia muito recatada, escura, e baixa, tambem de relevos identicos na sua formosa abobada; e passámos por uma porta estreita para o templo, onde deixámos as damas, sobre uma larga alcatifa na capella-mór, e fomos para os logares, que nos aguardavam no cruzeiro, já ao som da orchestra, e do côro festival e religioso, que rompia o introito da missa.

O templo é um bello quadrilongo, coberto de abobada oval e lisa até ao arco do cruzeiro. Entra-se para elle por uma riquissima galleria de tres grandes porticos de ordem jonica, recamados de baixos relevos de elegantissimo lavor, e vedados por tres portas de ferro muito delicadas no feitio, e bem acabadas. O frontispicio exterior é de architectura moderna exemplarissima, e rica de elegantes relevos, com duas immensas janellas, e um oculo grande em cima; e com a sua torre á esquerda, de identico lavor, e architectura.

Sobre a porta começa o côro seguro em um largo arco de abobada, com a sua balaustrada grossa de madeira, e um rico orgam, que vandalicamente foi arrancado e quasi destruido por ordem superior, bem como os sinos da torre, tão sonoros, de cujos sons se lembra com saudade o popular d'aquelles contornos. Seguindo o pavimento de bella lisonja pela direita encontra-se mettida na parede, quasi debaixo do côro, uma catacumba muito sigella, logo um pequeno caixão de uma só pedra; e mais adiante um formosissimo e alevantado tumulo, tambem mettido na parede, com larga inscripção em gothico doirado; com o seu guerreiro de pedra deitado sobre a campa; e por cima um cortinado de roupas de pedra apanhado com cordões.

Da esquerda juncto ao cruzeiro, uma capella entrante na parede, que servia para o Sanctissimo, de architectura moderna, toda lavrada de baixos relevos, com seu bello zimborio, tambem cheio de baixos relevos, e á direita e á esquerda dois tumulos da mesma architectura, com seus guerreiros deitados sobre a lapide, debaixo de ricas arcadas do mesmo gosto e lavor. Esta capella é das obras mais bellas e bem acabadas, que tenho visto.

Os altares do cruzeiro da *invocação* da Senhora da Conceição e Piedade, são de madeira, e obra dos actuaes donos da caza, que tem cuidado da egreja com um esmero muito particular, reformando tudo que havia sido damnificado, e até collocando algumas finas estatuas nos nichos, que o vandalismo deixára vasios.

O pulpito fica abaixo da capella, e é feito de uma só pedra circular e cheia de folhagem em baixo relevo.

O arco da capella-mór é, no parecer dos intendidos, um modelo de architectura. É gentilmente lançado, todo cheio de lavores finissimos, em folhagens, flôres, e laços, de baixo relevo, de ordem moderna pura.

A abobada da capella-mór é de architectura corinthia, toda de relevos encrusados, em festões, a morrer em bellos pilares baixos, embutidos na parede, similhantes aos de *Belem*.

Á direita um tumulo vasto com seu guerreiro deitado, e seu arco e retabulo de meio relevo, tudo de ordem toscana. Mais acima outro tumulo singello, sem estatua, coroado o arco com um grande brazão, com o leão dos *Silvas*, que foram donatarios do mosteiro, e aqui teem seus tumulos e brazões.

Á esquerda tres sumptuosissimos tumulos, dois maiores até ao alto da abobada, e outro mais pequeno; de bella architectura corinthia, com seus arcos arrendados na pedra delicadamente, seus guerreiros deitados nas lapides; e inscripções gothicas na frente dos caixões. Um d'estes guerreiros, o do centro, passa por obra prima. Todo o baixo relevo dos arcos, os pilares de nichos, e estatuas, e o restante do lavor, rivalisam com os tumulos de D. Affonso Henriques e D. Sancho do templo de *Sancta Cruz*, e com os arrendados e lavores da *Batalha*.

E agora o magnifico retabulo da capella-mór. — É feito de tres pedras. A 1.ª que deve ser uma rocha

alli nativa, que o contrario nos parece impossivel, comprehende juncto ao altar quatro grandes arcos primorosamente lavrados, encerrando quatro passos da vida de S. Jeronymo em alto relevo; e o sacrario; e em cima, um grande arco, que encerra o descendimento da cruz, tambem em alto relevo, com todas as figuras muito ao natural, até terminar no alto da abobada.

As outras duas pedras formam dois arcos ao lado d'este com o presepio de Belem, e a adoração dos magos, em alto relevo.

Estas tres peças são todas doiradas sobre fundo côr de cinza; e só por si formam um riquissimo monumento, pela singularidade e dificuldade do trabalho em tres massas de pedra tão enorme, e pelo bem acabado da obra. Notam-se algumas das figuras em alto relevo de uma naturalidade admiravel. Entre estas, uma mulher que chora no meio do grupo, e enchuga as lagrimas com um lenço no retabulo do descendimento.

E enlevados estavamos a admirar todas estas riquezas da arte, ao som melodioso das mysticas harmonias da festa, casadas com o trinar das aves, que n'este dia ornam os templos; — recendiam os aromas do incenso sagrado, misturando o seu perfume com o das flôres da Ascensão, que choviam da abobada misturadas com as brancas pombas symbolicas, a esvoaçar emtôrno da cruz; como a certificar-nos a verdade d'aquelle mysterio sublime. Interrompia-se esta scena com o silencio geral á apparição do sacerdote na tribuna da verdade; e com o som suave e mystico d'essa verdade evangelica, que em palavras evangelicas, e tão portuguezas e casticas lhe manavam dos labios de mel.

E logo os hymnos a calar-se, as luzes a morrer, a multidão a saír para o terreiro, as damas, e os cavalheiros a enfiar silenciosos, e recolhidos pela porta da sachristia, e o templo a ficar-se ermo, e silencioso outra vez, tão solitario e tão mudo, como as estatuas dos seus guerreiros de pedra.

E quando íamos a saír, deparou-se-nos esta poesia escripta em uma columna do claustro, que nos ha-de ser dado relatar aqui, sem que os curiosos se importem com quem a fez. E eil-a ahi vae:

UMA ROMAGEM.

E ella era o anjo mais anjo,
E ella era a flôr mais modesta,
E a mais gentil trigueirinha
Das trigueirinhas da festa.

—

¿ Onde vais, ó trovador,
A sós com teu menestrel,
Sem murrião, sem espada,
Sem teu doiradó broquel,
A correr per esses campos
Montado em leve corcel?

Não levas murça de conchas,
Nem teu bordão de romeiro;
Dobras rapido a avenida
Do magestoso cruzeiro;
Levas os olhos pregados
No assoberbado mosteiro.

Doces trovas namoradas
Te descantam as zagalas:
Gentis damas atravessam
Pelo claustro, pelas salas,
Nada attentas n'esses cantos,
Nada attentas n'essas galas.

¿ Porque percorres sem tino
A vistosa galeria?
¿ Porque enfias tão ligeiro
A marmorea escadaria?
¿ Porque entras tão presuroso
No templo da romaria?

Té que alfim quando nas aras
Ardia o incenso do céu,
Do sanctuario sublime
Ao erguer mistico véu,
Novo incenso, altar mais bello
De repente appareceu.

De jaspe os anjos formosos
Menos formosos ficaram,
Nos crystaes as lindas flores
Envergonhadas murcharam,
As zagalas mais as damas
Sob seus véus se occultaram.

Que ella era o anjo mais anjo,
Ella era a flor mais modesta,
E a mais gentil trigueirinha
Das trigueirinhas da festa.

—

Os olhos mil da romagem
Nos seus olhos se fitaram;
As harmonias do templo
Sua harmonia dobraram;
Choviam flores, e as flores
Mais bellas a procuraram.

Esses guerreiros de pedra,
Nos seus tumulos deitados,
Erguem as rijas cabeças,
Abrem os olhos cerrados,
E lançam dos seus jasigos
Um gesto de namorados.

E eu travei do menestrel,
E romeiro, e trovador,
Afinei as cordas d'oiro
Aos canticos do Senhor,
E mandei-lhe n'um sorriso
Esta cantiga d'amor:

E ella era o anjo mais anjo,
E ella era a flor mais modesta,
E a mais gentil trigueirinha
Das trigueirinhas da festa.

Depois de algumas horas de liberdade seguiu-se o banquete da festa em roda do formoso claustro maior, as libações, os risos, a alegria, e as recordações dos amigos ausentes, e a fraternidade dos presentes.

Mas faltava-nos ainda o mais bello da funcção: um passeio pelo campo. Gentil passeio foi aquelle, pelas

ruas desafrontadas da cêrca, — cada um com a sua dama pelo braço; — e precedendo o prestito a musica festival, que ora nos abria o caminho, ora se engrupava no alto, entre o bosque dos freixos, e dos robres, a deixar-nos desfilar sôbre a relva em demanda da fonte lá no mais profundo do valle. E ali parámos a gosar do frescor da brisa, da despedida do sol, e da harmonia longinqua da nossa orchestra volante.

E cada um se perdia enleado na sua conversação, ou no seu pensamento por aquelle formoso bosque, até que voltámos á romagem.

¿E que é da romagem? Aonde esses tangeres festivaes, essas namoradas cantigas, essa dança voluptuosa, ou louçã dos romeiros de S. Marcos? Tudo havia desapparecido. O tumultuar da festa converteu-se no silencio do ermo. Apenas um grupo desageitado se revolvia lá no cabo juncto do cruzeiro, cambaleando e bocejando emtôrno da pipa da romagem vasia, que lá se recolhe no seu carro de triumpho, caminho de *Villa Verde*.

E logo as melancolias do despedir do dia, e logo as alegrias do estrear do serão entre danças e tangeres até ao romper do sol, que vinha pardo e enevoado de haver passado mal a noite por essas costas do novo hemispherio, emquanto nós velámos alegremente, cá no velho, sem saudades das suas loiras barbas relusentes, que vieram com o dia amortecer-nos o coração.

E batiam as oito horas da manhã no relogio de *Sancta Cruz* quando a cavalgada da vespera, pausada, desanimada, somnolenta e silenciosa enfiava a rua de *Sancta Sophia* a domandar os seus lares, tão differente d'hontem, tão differente e contradictoria, imagem das insconstancias do mundo.

José Freire de Serpa Pimentel.

O MONUMENTO DE LORD WELLINGTON E O D'ELREI D. JOSÉ.

(Carta.)

3303 Tendo apparecido em o *Diario do Governo* de 27 de julho ultimo um artigo extraido das folhas inglezas, relativo á famosa estatua equestre ultimamente erguida em *Londres* pelo côrpo do commercio ao Duque de *Wellington*, vejo que depois da descripção da mesma, se adianta uma conclusão inteiramente falsa, que desejaria não ficasse impune, quanto á sua supposta singularidade e grandeza, á vista só da simples comparação entre a tal famosa de *Londres*, e a nossa tambem equestre, de que foi fundidor Bartholomeu da Costa, e esculptor, Joaquim Machado de Castro, erigida ao rei em satisfação aos desejos dos habitantes de Lisboa, gratos á grande obra da reedificação da cidade, depois do espantoso terremoto, que a arrazára; e inaugurada em 1775 na Praça do Commercio da Capital, praça geralmente reconhecida, como a mais bella e regular da Europa, o que não deve admirar, sendo obra do grande genio do Marquez de Pombal, o maior estadista do seu seculo.

Diz pois o tal artigo — que a famosa estatua importára em 45 mil duros (mão d'obra) além do metal dado pelo governo, orçado tambem em 7500 duros, (6:750$000 réis.) A nossa tem 80640 arrateis de metal, que pelo seu valor a razão de 296 réis faz 23:869$440 réis, por consequencia mais 17:119$440 réis. Quanto á mão d'obra, tendo sido paga pelo Estado aos artistas, que junctamente trabalhavam no arsenal em differentes officinas, não ha idéa exacta de sua importancia, porém deve corresponder ao grande excesso do valor de metal da nossa sobre a ingleza.

Diz mais o artigo que a famosa estatua tem 14 pés d'alto desde a cabeça do Duque até ás ferraduras do cavallo, e que o pedestal de marmore é da mesma altura.

A nossa tem 31 palmos e meio d'alto, assente sobre um pedestal tambem de marmore de 32 palmos d'altura, 27 de comprimento, e 18 de largura: por consequencia é mais alta dez palmos e meio, e o pedestal onze.

Conclue o artigo sobre a famosa, dizendo ser a maior que ha no mundo, e a primeira a um homem durante sua vida.

Quanto á primeira parte está demonstrada a superioridade, em todo o sentido, da nossa, sendo as dimensões aqui descriptas bem verificadas, quando ha pouco foi franqueada ao publico; e quanto á segunda, pelo menos não foi a primeira relativamente á nossa, pois o rei morreu dois annos depois de lhe ter sido inaugurada.

Tenham pois os srs. inglezes a necessaria resignação, quanto á reconhecida inferioridade de sua famosa estatua: aguardamos agora pela descripção da de Nelson, para continuação de cujas obras (paradas por falta de meios, como seus jornaes confessaram) deu ha pouco o imperador Nicolau bastantes libras.

Não lhes faltam monumentos de gloria, porém *suum cuique.*

Joaquim Moreira d'Araujo.

NOTICIAS.

EMIGRAÇÃO.

3304 Conta o *Angrense*, haver aportado n'aquella cidade uma barcada de dezenove presos, entre homens e mulheres, das quaes uma casada e grávida; da *Calheta* vinham remettidos ao governador civil pelo administrador de *S. Jorge* que os tomára n'um deposito, onde estavam escondidos, á espera de um navio de escravaria branca; onde, como já tantos centos de outros insulanos illudidos, haviam de ser levados para o Brazil.

« Oxalá — accrescenta o jornal — que o que acaba « de lhes acontecer, possa servir de duro exemplo a « outros incautos. Porém não o esperamos; porque « o vicio de emigrar seja como fôr, está hoje muito « inveterado n'estes póvos que julgam ír alli buscar « sua riqueza. »

JOGO NO PORTO.

3305 « Ha tempos que n'esta cidade se acham estabelecidas algumas casas de jogo de *parar*, com escandalo da moral publica, e prejuiso irremediavel das familias. Ellas são frequentadas por individuos da alta sociedade, que de mistura com empregados publicos, paes e filhos de familias, e militares, jogam dia e noite arriscando o seu e o alheio. Muitos apresentam notas e peças de ignorada acquisição. Ha dias que em uma d'estas casas se jogou o sôcco entre o banqueiro e um ponto, (sem ser e do theatro). Este

levou um grande bofetão, que lhe deu o banqueiro, que não era da sua côr politica, e esteve por isso seis dias em caza sem ir á repartição; mas já desamuou, e continúa. Nota-se este furor em algumas cazas particulares, e mesmo entre senhoras casadas, que sacrificam assim o socêgo, a fazenda e o credito. Ás auctoridades são bastante espertas para pezarem o resultado funesto d'este perigoso passatempo.»

A isto que o *P. dos Pobres no Porto* escreve, só falta accrescentar, que oxalá o governador civil d'aquelle districto contra tal peste providencêe, forte, energica e inexhoravelmente, como o de Lisboa.

IMPEDIMENTO MATRIMONIAL.

3306 Corre na camara ecclesiastica um singular processo de impedimento matrimonial, posto a um ricaço por sua filha, e fundado, segundo se affirma, na mesma razão porque se annullou o cazamento de D. Affonso VI.

DAMNADOS.

3307 Lêmos com espanto nos *Pobres no Porto* de 15 o seguinte:—

« Corre o boato de que ha dias foram mortos em « *Baltar* tres individuos, a quem um cão damnado « mordêra.»

¡A isto se reduz pois ainda hoje em terras de Portugal, na Europa, o tractamento da hydrophobia! ¡Ou ondas e outras praticas supersticiosas ou assassinamento! ¡e o facil, provado e approvado remedio, que esta folha já ensinou, sem ao menos se tentar! ¡Dormi, dormi, srs. parochos ruraes, dormi a bom levar que algum dia accordareis!

LICÇÃO A ADULTEROS.

3308 Lê-se no *Diario do Governo*:—

« Um marido offendido acaba de punir por suas mãos o complice da infidelidade de sua mulher. O adultero foi morto de um tiro na noite de 28 de julho em *Mirandella*.

MONO COM RAÇA DE TIGRE.

3309 Lê-se nos *Pobres no Porto* de 12 do corrente:—

« No sabbado á noite, achava-se um cabo de infanteria n.° 6 em actos deshonestos com uma mulher juncto a uma arvore na *Cordoaria*; e —sendo advertido por um individuo, que passava, — correu sobre elle e lhe deu duas facadas, uma em uma coxa, e outra nas costas que lhe rompeu o estomago. Está em perigo de vida. O réu foi logo preso por soldados da municipal de cavallaria.»

CAUTELLA COM ARMAS DE FOGO.

3310 Brincavam duas filhas do juiz eleito de *Adoufe* n'um quarto de sua caza, onde estava uma espingarda caçadeira carregada: cae a arma: dispara-se; e uma d'ellas morre.

TRISTE ACHADA.

3311 A noticia do *marido abandonado* (artigo 3297) completa-a o *P. dos Pobres no Porto*, dizendo que— « no dia 12 do corrente, havendo o mesmo marido chegado a descobrir o homisío da raptada e do raptor em certa caza particular da mesma cidade, os fizera prender e entregar á justiça: e presos estão á espera da decisão dos tribunaes.»

INFANTICIDA PRESA.

(Carta.)

3312 Na *Eugaria*, termo e freguesia de *Collares* em um dia do mez de junho ultimo, foi achado entre pedras um cadaver infantil: immediatamente se recorreu á autopsia, e pelos peritos, depois de feitas todas as investigações, foi declarado ter nascido vivo, e morrido por asphyxia: a mãe foi conhecida, presa e processada, apezar de afirmar ter nascido morto.

Muitos conhecem a mãe, mas só ella conhece o pae: e o filho a ninguem. De V. etc.

Collares 12 de agosto de 1844. *J. R. A.*

VENENOS.

3313 Insistimos ha muito, e insistem já quasi todos os periodicos, na necessidade de se difficultar a venda, hoje corrente e publica, do arsenico, de que tanto se tem abusado.

Homicidios e suicidios não faltam para prova: mas no *Diario do Governo* de 14 já outra nos apparece de nova especie.

« Em *Villarinho do Bairro* verificou-se que fôra se« meado em um quintal um pouco de veneno, com o « fim de fazer morrer o gado do dono d'elle, o que em « parte se realisou.»

SACRILEGIO.

3314 No primeiro do corrente mez foi roubada a egreja de *Sancta Maria do Telhado*, concelho de Famalicão: o roubo avalia-se em 174$000 réis.

Estão sendo estes os roubos á la moda.

SENSUALIDADE BRUTAL.

3315 Pelos principios d'este mez, foi preso no *Porto* um alfaiate por haver attentado violentamente contra a pudicicia de uma innocente de dez annos, filha de um çapateiro; a quem, além d'isso, deixou infectada de vergonhosas molestias.

Os horrores d'este genero, relatados pelo *Periodico dos Pobres no Porto*, não teem sido poucos, mas ¡quantos exemplos se contam de severo castigo!

TALENTO MUSICO.

3316 « Quinta-feira á noite achava-se na platéa, assistindo á representação da *Virginia*, um individuo de fóra da terra, limpinho e com cara de eleitor, e quando no 1.° acto acabaram de cantar a Sr.ª *Rossi* e a Sr.ª *Cassano*, perguntou;—o Sr. faz favor de me dizer *qual d'aquellas é a tal que dizem que canta bem!!*» *P. dos P. no Porto de 16 do corrente.*

UMA CRIADA PHILARMONICA.

3317 « Ha dias se despediu de certa caza uma criada de servir: e perguntando-lhe suas amas porque motivo se ía embora, respondeu:—porque todas as amas teem levado as suas criadas ao theatro vêr madame Rossi, só eu ainda não fui.»

P. dos P. no Porto.

MENINA PERDIDA.

3318 « No dia 31 de julho pelas 8 horas da noite appareceu batendo a uma porta na rua de Sancta Anna, freguezia de Mathozinhos, uma linda menina, de edade de 4 annos, branca, bem nutrida, cabello loi-

ro liso, com uma trança de perto d'um palmo, olhos grandes asues, vestido curto de cassa riscada de vermelho, guarnecido de trancelim; calça de panninho branco com dois entremeios de renda; sáia de panninho, e outra de baeta d'algodão; colete de atacador de linho; chapeo de papelão coberto de seda verde; çapatos de duraque cinzento acoturnados com botões ao lado, meia comprida de linha, ligas de fitas de nastro cosidas nas meias; — diz chamar-se *Amelia*, e que a mãe se chamava *Anninhas*, a qual vivia com um *sr. Antonio*. Esta creança foi vista ás 6 horas da tarde na estrada de Mathosinhos na companhia d'uma mulher de mantilha e vestido preto, e um individuo de pouca edade, vestido de calça e jaqueta asul e boné.»

«Estes individuos haviam convidado uma mulher para levar a creança ao cólo até Mathosinhos; como elles fossem ficando muito para traz, dando a intender desejarem livrar-se da creança, a mulher desconfiou d'alguma cilada, e os obrigou a tomarem conta da creança. Convidaram então um rapaz a quem promettêram 50 rs., o qual a levou ao cólo até que vendo-se de repente abandonado dos dictos individuos, a deixou no logar indicado e fugiu. A creança diz que a sua casa é perto do rio; que continuadamente via barcos; que ía aos banhos com a mãe; que fugia para a ponte do rio; e que o *sr. Antonio* ralhava; que brincava com outra menina que morava no andar debaixo chamada *Julia*, a qual tinha bonecos para brincar &c. Suppõe-se que tinha sido furtada a seus pais, ou por elles abandonada, e por isso se publica este facto para conhecimento de quem pertencer; a creança está em poder do actual administrador do concelho de Bouças em Mathosinhos.» *Periodico dos Pobres no Porto.*

SEGUNDO ACTO DO MESMO DRAMA.

3319 «No dia immediato, áquelle em que a menina foi encontrada, achou-se atraz da parede n'um campo uma trouxa de roupa de creança, e uma carta; foi tudo appresentado ao administrador do concelho, que pelo seu contheudo descobriu a historia d'aquelle acontecimento, os nomes dos paes e parentes etc. Era remettida pela mãe aos parentes do pae, por este se achar ausente no Brazil, e pela falta de meios que ella tem para se sustentar, accrescendo achar-se enferma. Parece que os parentes a não quiséram receber, e que o rapaz que a conduzia, voltando ao logar da estrada de Mathosinhos d'onde havia deixado os individuos que lh'a haviam entregado, não os encontrou, e, temendo comprometter-se, a lançou n'um campo com a trouxa e fugiu.»

«O administrador do concelho obrigou a familia do pae, residente em Lessa, a tomar conta d'ella, o que teve logar no dia 3 do corrente á noite, emquanto se não descobre onde pára a mãe para se verificar até que ponto sejam verdadeiros os factos de que se faz menção n'aquella carta. Varias pessoas teem querido tomar conta da menina; porém isto não tem podido ter logar em vista do que fica exposto, e porque os parentes do pae estão em circumstancias de podêl-a sustentar.»

«Consta ultimamente que a mãe fôra para Braga, chama-se *Anna de Jesus Lima*, tem sido creada de servir em algumas casas d'esta cidade.»

Periodico dos Pobres no Porto de 6 de agosto.

S. CARLOS.

(Conclusão do artigo 3298.)

3320 A COMPANHIA, que ultimamente se achava trabalhando n'este theatro, ausenta-se para *Cadiz*, até meado octubro; e vae ser aqui substituida pela que trabalha no *Porto* e de que é parte *Madame Rossi*. Apóz alguns dias da interrupção de espectaculos, principiada a 21 do corrente, tornar-se-ha ás peças do reportorio a que se ajunctarão outras: entre estas provavelmente o *Pirata*. Com isto se deitará até ao principio da segunda épocha; na qual tornará a apparecer completissima a companhía de canto e a de dança.

Flavio e *Botelli* deixam-nos; mas o primeiro já está vantajosamente supprido por *Tamberlik*: o segundo sel-o-ha por *Santi*, famoso baixo. *Madame Tirelli*, excellente cantarina, que em Italia gosa de grande fama, virá tomar parte nos trabalhos e nos triumphos tambem de *Madame Rossi*.

A escolha das peças novas será este anno mais feliz que no passado.

Tres óperas tem já certas a empreza, que não podem falhar: *I Lombardi alla prima Crociata*, de *Verdi*, *Maria d'Inghiltera* de *Pacini* e *D. Sebastião de Portugal* de *Donizetti*. Todas estas peças teem obtido, já por fóra, applausos unanimes e continuos: os de Lisboa, que, em materia de musica, é juisa de admiravel rectidão, não lhes podem faltar, uma vez que a empreza faça, como ouvimos que tenciona, refundir o drama de *D. Sebastião*, que, tal como foi sonhado pelo poeta, não podia deixar de desagradar no paiz, cuja historia elle estropía escandalosamente.

O *diabo namorado*, bailete, que em toda a parte foi recebido com enthusiasmo, ha-de ser provavelmente o primeiro espectaculo choreographico; e *Madame Mabille* póde já preparar-se para novas palmas em tão bello campo.

Tenciona-se tambem, para melhor aproveitar o talento e graça d'esta primorosa dançarina, pôr em scena a composição mixta de *Auber*, *Dieu et la Bayadère*, em que se dá a curiosissima novidade de estarem travados o genero lyrico e o mímico.

Os exercicios de circo, para que já se haviam começado a fazer despezas, abortaram d'esta vez, tendo falhado a M. *Avrillon* parte da companhia com que contava. Nunca fomos nós da opinião dos que reprovam, como profanação, o introduzir-se n'um theatro de ópera os exercicios de *Franconi* ou quaesquer outros, quando bellos e perfeitos; mas confessamos tambem, que esta perda nos parece muito pouco para lamentar.

Eis-aqui tudo quanto ácerca dos proximos futuros de S. Carlos podemos noticiar, como mais provavel e, em grande parte, certo.

ERRATUM IMPORTANTE.

No artigo *S. Carlos*, a paginas 48, columna 1.ª as linhas 40 a 44 foram escriptas inexactamente: deve ler-se:

O termo médio da receita da porta desde 16 de septembro até 5 de fevereiro foi de 267$000 réis: o das 51 representações, que se seguiram á suspensão das garantias, até 31 de maio, foi apenas de 151$000 réis; differença para menos 116$000 réis; o que somma etc.